UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS

CURSO DE FILOSOFIA

José Michel Lima da Silva

A ANGÚSTIA GERADA PELA FINITUDE DA PERSPECTIVA DA MORTALIDADE

SOROCABA-SP

2023

Resumo:

O presente artigo faz uma abordagem sobre uma pequena parte do Dasein de Heidegger em seu livro Ser e Tempo, uma pequena parte do conceito do existencialismo e a finitude do ser que está lançado no mundo, retratada no sentido da angústia do Ser-aí. Que se defronta com a mortalidade do ser. Gerando uma consciência do ser para a sua finitude de sua mortalidade do Ser-aí. Tomando para si esta angústia ôntica, de que ao ser gerada esta angústia do Ser-aí, constitui que, este é feito para o sofrimento, aflições e para a mortalidade deste ser que está sendo lançado no mundo constantemente em uma busca do preenchimento do ser que se lança.

Palavras chaves: Dasein, Mortalidade, Finitude, Angústia.

Abstract:

This article focuses on a small part of Heidegger's Dasein in his book Being and Time, a small part of the concept of existentialism and the finiteness of being that is released into the world, portrayed in the sense of the anguish of Being-there. Who is faced with the mortality of being. Generating an awareness of the being for its finiteness and its mortality of Being-there. Taking this ontic anguish for himself, that when this anguish of Being-there is generated, it constitutes that this is made for the suffering, afflictions and mortality of this being that is being launched into the world constantly in a search for the fulfillment of being that launches.

Keywords: Dasein, Mortality, Finitude, Anguish.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo discute a questão da angústia relacionada à finitude, tal como apresentada por Heidegger em Ser e Tempo, mas especificamente a partir do parágrafo 40, que tomo como base o este parágrafos para responder a problemática do artigo que consiste em por que este páthos se torna uma presença do Dasein?

Que razões o Dasein toma como consciência está mortalidade? O que é constante no ser que se lança. Em que irei apresentar nas seções aqui pesquisadas, o sofrimento do ser em sua finitude, o que tanto aflige o Ser-aí, seus sofrimentos e aflições, como indivíduo que busca o preenchimento no mundo, que é lançado.

E na segunda seção será discutido sobre a morte iminente do Ser-aí, como nos diz o comentador de Heidegger, Marcos Casa Nova:

> A morte, porém, enquanto possibilidade da impossibilidade da existência, considerada em sua face ôntica específica como dissolução ou como definhamento da vida[1].

Como conclusão do artigo o ser que traz os enfrentamentos do seu existir e a sua ontologia como pontos para se responder, ou tentar responder que o ser-o-aí é um ser determinado para a morte ou seja um ser-para-a-morte que está no mundo lançado.

2. O SOFRIMENTO DO SER EM SUA FINITUDE.

Martin Heidegger em sua obra ser e tempo nos apresenta o Dasein que passa pela questão de ser-no-mundo, como um sofrimento para o ser que mesmo sabendo que irá no fim de sua vida extinguir-se para a temporalidade do tempo, deixar de existir neste mundo, é tomado por esta palavra que aflige todo o seu ser. Que ao lembrar que o seu fim está a chegar, começa a sofrer pois não foi preparado para este fim, ou seja, para a morte.

A angústia de cada dia que aflige o Dasein em sua totalidade. O Ser-aí fica sem ter princípios absolutos, já que o tempo ou temporalidade caminha para o fim, há uma perda de sentido. Uma verdade que a cada dia de sua existência vai-se ocorrendo com o passar do tempo. Vivenciando constantemente o morrer a cada minuto desde o seu nascimento, é o está morrendo um pouco a cada momento.

Somos afligidos de todos os lados. Quando começamos a esquecer que estamos voltados para a morte, a angústia nos faz relembrar que estamos aqui neste mundo temporariamente. Mas, somos lançados no mundo em que temos de viver com este Dasein, um ser que está constantemente sendo lançado para fora de si e para o mundo. Como individuo

buscando se preencher do mundo, inserido no mundo, um ser que se lança para o mundo, um ser que busca estar sempre à procura de se encontrar como ser, de se compreender partindo de si para o mundo.

O Dasein como este ser que busca sua compreensão no mundo em que se vive, mas

[1] Casa Nova, Marco. Mundo e Historicidade: volume 2, p.23.

sabendo que não é para este mundo, gerando em si o processo de angústia, buscado para entreter esta causalidade, o para além de tudo o que o ser é.

Para Heidegger a existência do ser-no-mundo como ser simplesmente dado, é a principal parte da existência desta angústia, pois o ser está sempre dado, sempre sendo lançado no mundo, a cada dia, um nascer de novo para o homem, como a angústia em si.

O filósofo Platão apresenta o ser como aquele que busca algo fora deste mundo, mas que está neste mundo a procura do que perdeu, ou esqueceu. Para Platão o ser do homem é feito para o suprassumo dos sentidos sensíveis, que tinha todo o conhecimento no mundo suprassensível. Mas perdeu esta capacidade ao nascer, ao ser lançado no mundo, quando passou pelo véu do esquecimento, surgindo assim uma grande angústia, para o ser do homem a procura de sua essência e a grande causalidade da sua existência, para o seu existir no mundo como ser simplesmente lançado no mundo. Já para Aristóteles, o existir do ser está nas coisas, no mundo físico e não no mundo transcendente, uma coisa que Heidegger também visou como algo para o seu questionamento. O ser que se lança para fora do mundo, não está direto ou indireto, sendo lançado para algo? São perguntas que precedem e que Heidegger retoma para a sua grande obra ser e tempo.

Por que a angústia aflige tanto o ser? Por que este páthos se torna uma presença do Dasein? Quais os vícios que podemos nos embriagar para preencher esta lacuna aberta pela angústia?

Heidegger vai em busca do primado do ser, trazendo à tona e desvelando o ser como sentido do ser lançado no mundo, o Dasein em sua finitude para a morte. Buscando aprofundar o sentido do ser. O ser-no-mundo como historicidade e temporalidade, construtor dá própria consciência de si, sem negar toda a história que antes do ser já existia, mas é por meio dele que se constrói toda a história, com as frequentes indagações do seu Dasein. Pois o existir na história só acontece com o questionamento do Dasein, o ser-lançado-no-mundo. Heidegger apresenta um novo aspecto no contexto da palavra ontologia, que para Aristóteles tem como objetivo o estudo das propriedades mais gerais do ser. Já para Heidegger abarca mais profundamente, abarcando todo o sentido do ser.

Oswaldo Giacoia faz um comentário sobre o ser-no-mundo, como o ser que está aberto para relações, aberto para a mundanidade[2], um ser de relações para com os outros, com o modo de ser-com. Deixando para a fenomenologia esta tarefa de delinear toda a mundanidade do serlançado-no-mundo, dando abertura para o ser do outro como para se mesmo. Um conhecimento mútuo, como troca de relações.

> Cabe à fenomenologia a tarefa de descrever a mundanidade como elemento constitutivo do ser-lançado no mundo. o poder-ser é indefinido, mas não infinito. Temporal, ele implica finitude e possibilidade da impossibilidade, de não ser. Por isso, o ser-o-aí é pré-ocupação, cuidado com os entes intramundanos, cura do mundo[3].

A facticidade em Heidegger como existência humana lançada no mundo, como presença estrutural de um todo que origina a totalidade da questão de um ser que está sempre sendo lançado, buscando explicações sobre o porquê esta angústia como mortificação de sua morte. Buscando suas estruturas em se mesmo. Se autoquestionando para entender a sua própria ontologia. Delimitando a angústia para compreender o fenômeno que lhe é próprio que é a morte como fim.

> A analítica existencial da presença há de resguardar uma clareza de princípio sobre sua função ontológica fundamental. Por isso, a fim de cumprir a tarefa preliminar de explicitação do ser da presença, ela deve buscar uma das possibilidades de abertura mais abrangentes e mais originarias dentro da própria presença. O modo de abertura em que a presença é colocada diante de si mesma deve ser tal que, nele, a presença se faça, de certo modo, acessível de maneira simplificada. Com o que nela se abre deve vir à luz, de forma elementar, a totalidade estrutural de ser que se procura[4].

No parágrafo 40 que traz a fundamentação do sentido da angústia como a abertura privilegiada da presença, para o sentido ôntico para o ser e o horizonte de explicação para o entendimento do ente. Heidegger aprofunda dizendo que:

> Fenômeno da fuga de si mesmo e de sua propriedade parece ser, na verdade, o solo fenomenal menos indicado para se investigar o que haverá de seguir[5].

Ele embrenha-se na propriedade do ser-si-mesmo, desta presença no mundo, o ser-nomundo como a constituição fundamental da presença. O Dasein não sabe o que lhe angustia, por isso, se expressa de forma emotiva visando a atenção, sem saber que a sua finitude ronda e está por perto assim como heidegger nos diz:

---

[2] Giacoia Jr., Oswaldo, Heidegger Urgente, p. 74.

[3] Giacoia Jr., Oswaldo, Heidegger Urgente, p. 74.

[4] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 39, p. 248.

[5] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p. 250.

> De acordo com a tendencia característica da decadência, o desvio conduz para longe da presença. Não obstante, em tais fenômenos, deve-se evitar confundir os caracteres ôntico-existenciários com a interpretação ontológico-existencial. Deve-se também

> evitar passar por cima dos fundamentos fenomenais positivos presentes naqueles caracteres e importantes para essa investigação[4].

Marco Casa Nova em seu livro comenta, que Heidegger aponta dois termos que para o ser-no-mundo é muito relevante que são os termos da angústia e o temor. No alemão tem o mesmo significado. O medo daquilo que irá acontecer muito em breve para o ser-lançado-nomundo.

> [...] O que distingue os dois é apenas o modo de preenchimento da transitividade propriamente dita do acontecimento do temer e do angustiar-se[...][5].

O Ser-aí que se priva de sua existência como uma fuga da presença é fuga de si mesma[6], uma justificação do que está fugindo tendo uma noção desta presença do páthos desta perda de si mesmo como Heidegger fala que:

> [...] Em razão de seu caráter de abertura, desvio ôntico-existenciário propicia fenomenalmente a possibilidade de se apreender aquilo de que se foge como tal, de forma ontológico-existencial. Em meio a esse movimento ôntico de "para longe de", inerente ao desvio, pode-se compreender e conceituar aquilo de que se foge, "aviandose para uma interpretação fenomenológica[7].

Temos a angústia como uma determinação imposta desde o nascimento, forma latente do ser-no-mundo, a estranheza da relação do ser com a angústia é algo que Heidegger traz constantemente dentro de sua obra ser e tempo. Gerando constantemente este páthos na ontológica-existencial do ser que está no mundo, sendo o Ser-aí o fim de si mesmo, quando Heidegger comenta como a decadência deste desvio conseguinte o existencialismo do ser-nomundo.

> O desvio da decadência não é, por conseguinte, um fugir que se fundasse num medo de algo intramundano. Nesse sentido, o desviar-se não possuiria o caráter de fuga, sobretudo quando se aviasse para o ente intramundano no sentido de nele empenharse.

[4] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p.250.

[5] Casa Nova, Marco, Mundo e Historicidade: volume 1, p.236.

[6] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p.251.

[7] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p.251.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

> Ao contrário, o desvio da decadência funda-se na angústia que por sua vez, torna possível o medo[8].

O comentador Oswaldo Giacoia traz uma definição sobre a angústia que oferece mais embasamento sobre o termo aqui discutido:

> Angústia (Angst) é a mais fundamental dessas disposições básicas do afeto, na medida em que concerne não aos entes intramundanos, mas ao ser do ser-o-aí no mundo. Não se trata de temor ou ansiedade pela perda de um objeto presente ou virtual, ela cessação de um estado de coisas, mas um animo que abrange todas as possibilidades de ser do ser-o-aí em sua raiz: a tensão entre ser-si-próprio e perder-se, desgarrar-se, a possibilidade sempre presente de faltar a si[9].

Uma ameaça constante sobre o ser, que sente uma vulnerabilidade, o sentir-se desprotegido com o sentido do risco da morte, ou seja, com sua mortalidade a caminho. Produzindo um dano irreparável para o ser que está lançado no mundo. A sensação de iminência da morte faz com que a vida transcorra diante de nossos olhos com esta total angústia que se volta para a essência do Ser, o encarar-se a si mesmo, fazendo com que a nossa vida seja revista. A morte é uma liberdade para o Ser, livrando das trivialidades da vida, desta angústia do Ser. Encarando a mortalidade do Ser, que mesmo assim gera a angústia da própria morte, somos impulsionados a adentrar nesta condição para entender que a angústia gerada pela morte é iminente, ela sempre estará no caminho ou no destino do Ser, como algo que ainda não é, mas será um dia. Em que Heidegger afirma em seu livro que:

> A angústia também não 'vê' um 'aqui' e um 'ali' determinado, de onde o ameaçador se aproxima. Que o ameaçador não se encontre em lugar nenhum, isso é o que caracteriza o referente da angústia[12].

A angústia que abre o sentido do angustiar-se para o mundo com as reflexões voltadas para o pensar do mundo, o Ser-aí lançado no mundo, um exemplo bem puro é o novilho que é lançado para fora do corpo da mãe e é jogado no chão com toda a força, isto é o Ser-aí. Assim surgi em si o angustiar-se com esta perspectiva do lançar-se para fora, o estar no mundo. como nos diz Heidegger.

> A angústia se angustia pelo próprio ser-no-mundo. Na angústia perde-se o que se encontra à mão no mundo circundante, ou seja, o ente intramundano em geral. O "mundo" não é mais capaz de oferecer alguma coisa, nem sequer a copresença dos outros. A angústia retira, pois da presença a possibilidade dedo, na decadência compreender a si mesmo a partir do "mundo" e da interpretação pública. Ela remete

[8] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p.252.

[9] Giacoia Jr., Oswaldo, Heidegger Urgente, p. 75.

> a presença para aquilo porque a angústia se angustia, para o seu próprio poder ser-nomundo[13].

A angústia do ser que se lança no mundo, com o ser da presença como um ser-possível em sua total verdade como aquilo que, somente a partir de si mesmo pode singularizar-se na singularidade[14].

> A angústia arrasta a presença para o ser-livre para... (propensio in), para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A presença como serno-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser[15].

O parágrafo 41 de ser e tempo no aponta o ser da presença como cura que nos apresenta ontologicamente a totalidade do todo estrutural[16], que traz em si todo o questionamento do

---

12 Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 40, p. 253.

13 40, p. 254.

14 40, p. 254.

15 40, p. 254.

16 41, p. 258.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

fenômeno da angústia do ser-no-mundo, com a disposição do angustiar-se desta angústia que se angustia em seu total do ser. Em que Heidegger nos aponta em seu livro:

> O angustiar-se é um modo de ser-no-mundo; a angústia se angustia como ser-nomundo lançado; a angústia se angustia por poder ser-no-mundo. em sua completude, o fenômeno da angústia mostra, portanto, a presença como ser-no-mundo que existe faticamente. Os caracteres ontológicos fundamentais desse ente são existencialidade, facticidade e decadência[17].

O ente que se apresenta como presença do ser, colocando em jogo o seu ser que está lançado para no mundo e se constitui em seu ser por completo. Em que as virtudes desta presença está sempre se justificando, se conjugando para uma possibilidade de si mesma.

> É na angústia que a liberdade de ser para o poder-ser mais próprio e, com isso, para a possibilidade de propriedade e impropriedade mostra-se numa concreção originaria e elementar[18].

Heidegger fala que a angústia diz respeito ao todo da constituição da presença[19], que é o anteceder-a-si-mesma um significado de isolamento do sujeito, para um abandono da presença de si, uma forma de fuga para a angústia a todo momento.

> É na angústia que o abandono da presença a si mesma se mostra em sua concreção originaria. Apreendido em sua plenitude, o anteceder-a-si-mesma da presença diz: anteceder-a-si-mesa-no-já-em-um-mundo[20].

Com o fenômeno desta estrutura da essência, deve ser evidenciado no que está lançado no mundo, vivendo sua mundanidade, construindo sua mundanidade ancorada no ser emvirtude-de. Tento referência as múltiplas remissões do para-quê, no que está em jogo a presença do ser no mundo.

Um ser voltado para a mortalidade, que se angustia cada vez que um ser morre, pois o ser não pode morrer pelo outro ser, deixando o Ser-aí cada vez mais angustiado e se angustiando com a sua possibilidade desta perspectiva de morte. Dando ao ser a possibilidade da compreender ainda mais o ser a compreensão de ser pertence ao modo de ser deste ente que denominamos presença[21].

3. A MORTE IMINENTE DO SER-AÍ.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

[17] Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 41, p. 258.
[18] 41, p. 258.
[19] 41, p. 259.
[20] 41, p. 259.
[21] 41, p. 268.

Para Heidegger a morte está sempre diante de nós como uma amiga que nos acompanha desde o nosso nascimento até o nosso declínio é nada e não está em lugar nenhum[22]. Sem a possibilidade de fugir de seu destino, como se já estivéssemos marcados para a morte, como já estamos. Pois não existe a possibilidade de escapar, por exemplo: se o tempo está nublado poderá chover, isso é uma possibilidade de que poderá ou não chover. Mas a morte para o Ser é iminente, estará sempre a nossa frente. E deixamos de existir, deixamos de ser o Dasein, o Ser-o-aí, quando por final a morte chega. Ele afirma que o existir do Dasein é saber que a morte é uma certeza, uma possibilidade da sua mortalidade.

> [...] O sentido do ser só é possível quando se dá uma compreensão de ser. A compreensão de ser pertence ao modo de ser deste ente que denominamos presença. Quanto mais originaria e adequadamente se conseguir explicar esse ente, maior a segurança do alcance na caminhada rumo à elaboração do problema ontológico fundamental[23].

O ser que toma para si a realidade existente, os seus problemas e a compreensão do mundo como uma visão metodológica e ontológica em que o Dasein se coloca como uma possibilidade da consciência do real, em que o Ser está lançado no mundo.

Heidegger no parágrafo 46 apresenta o ser-para-a-morte, na análise hermenêutica da presença do ser no mundo, como:

> Razão importante, que se encontram na constituição de ser da própria presença, parecem favorecer a impossibilidade desse propósito[24].

Trazendo ontologicamente o ser-todo da presença no mundo, ao anteceder-a-si-mesmo e se determina como Ser-aí consistindo em sua existência.

Um ser que existe como inerente a sua presença que se caracteriza por sua ontologia diante de si mesmo. Que sente a morte do outro como uma experiência para a sua própria como nos aponta no paragrafo 47 de ser e tempo. Que a morte do outro deve tornar-se penetrante para o Ser-aí, para se ter uma experiencia de sua própria morte sendo também uma delimitação ontológica da totalidade da presença do ser-no-mundo.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

> [...]A morte dos outros, porém, torna-se tanto mais penetrante, pois o findar da presença é "objetivamente" acessível. Sendo essencialmente ser-com os outros, a presença pode obter uma experiencia da morte. Esse dado "objetivo" da morte também deverá possibilitar uma delimitação ôntica da totalidade da presença[25].

22 40, p. 253. 23 43, p. 268.
24 46, p. 309. 25 47, p. 311.

Logo, o outro não morre no lugar do ser que está para a morte. Mas, o ser-para-a-morte se angustia pela morte do outro, confronto de existência gerado por essa pressuposição da presença que paira sobre o Ser-aí, que Heidegger expressa é:

> A indicação para se tornar a experiência da morte dos outros como tema para a análise do fim e da totalidade da presença não é capaz de propiciar, nem ôntica e nem ontologicamente, aquilo que pretende ter condições de fornecer[26].

Também Oswaldo Giacoia comenta em seu livro: Ninguém existe no lugar de outra pessoa, ninguém morre a não ser a própria morte[27].

Heidegger em seu livro nos coloca uma questão findar não diz necessariamente completar-se. Torna-se assim mais urgente a questão: Em que sentido a morte deve ser concebida como findar da presença?[28], ele mesmo nos responde que findar significa, de início, terminar, e isso num sentido ontológico diverso[29]. E ele conclui:

> Enquanto fim da presença, a morte não se deixa caracterizar adequadamente por nenhum desses modos de findar. Caso se compreendesse o morrer como estar-no-fim, no sentido de um findar nos modos discutidos, supor-se-ia a presença como ser simplesmente dado ou algo à mão. Na morte, a presença nem se completa, nem simplesmente desaparece, nem acaba e nem pode estar disponível à mão[30]. O Ser-aí que estar-no-fim do seu existir, gera em si mesmo a angústia do seu ser que

busca este esclarecimento, de que nunca irá entender o ser-para-o-fim e que a morte é um modo de ser que a presença assume no momento em que é. Para morrer basta está vivo[31]. No parágrafo 49, Heidegger analisa existencialmente a morte frente a outra interpretações no campo da fenomenologia. E vai dizer que o sentido da morte ou o fenômeno da morte é a vida, pois é na presença que se fixa o sentido ontológico e existencial do Dasein.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

> A interpretação existencial da morte precede toda biologia ou ontologia da vida. É ela que fundamenta qualquer investigação histórico-biográfica e psicoetnológica da morte. Uma "tipologia" do "morrer", entendida como caracterização dos estados e dos modos em que se "vivencia" esse deixar vive, já pressupõe o conceito de morte[32].

O ser que sempre terá este dilema para si e em, se de que o morrer, por sua vez, exprime o modo de ser em que a presença é para a sua morte apresenta o fim último. Como Casa Nova nos diz:

---

26 Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 47, p. 313.

27 Giacoia Jr., Oswaldo, Heidegger Urgente, p. 82.

28 Heidegger, Martin. Ser e tempo, § 48, p. 319.

29 48, p. 319.

30 48, p. 320.

31 48, p. 320.

32 49, p. 322.

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

> A morte, como vimos, encerra justamente a dinâmica de descerramento, trazendo consigo, por isso, uma consequência direta para a própria determinação do ser do Seraí[33].

Portanto, a morte não é algo simplesmente ainda-não dado e nem o último pendente reduzido ao mínimo, mas, muito ao contrário, algo impendente, iminente deste ser lançado.

A morte como possibilidade ôntica de existir se situa como um ponto findante para o Dasein da presença marcante do ser no mundo, Heidegger trata dessa estrutura de um ser para a morte, construindo os seus fundamentos desta presença de acordo com a estrutura ontológica do ser. Um ser para a morte, a morte se torna um ser impendente em seu próprio poder-ser.

A morte é essa possibilidade da impossibilidade de pura e simples da presença do ser no ser-no-mundo, o ser lançado. Por isso, Heidegger nos dirá

> A angústia com a morte é angústia "com" o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável. O próprio ser-no-mundo é aquilo com que ela se angustia[34].

Heidegger coloca no parágrafo 51 o ser-para-a-morte em seu cotidiano. Como que o Dasein vai morrendo gradativamente e diariamente com o passar do tempo ou das horas do dia, a construção essa consciência. Do cuidado de si mesmo em sua finitude de morte do Ser-aí.

> A morte é sempre minha, de forma essencial e insubstituível, converte-se num acontecimento público que vem ao encontro do impessoal. [...] O impessoal dá razão e incentiva a tentação de encobrir para si o ser-para-a-morte mais próprio[35].

Contudo, Heidegger escreve que com o morrer de cada dia torna-se uma fuga para o ser de si mesmo. De que a presença do ser-no-mundo sempre morre de fato, ou seja, um velamento diante da morte do outro. Um morrer diariamente para o ser em sua estrutura existencial para o fim do Dasein, com o ser-para-a-morte decadente e cotidiano do Ser-aí um fim na morte do ser-para-a-morte impróprio. Tendo em se os fundamentos ontológicos e existencial do Ser-aí que se finda como a sua morte.

O existencial desse ser-para-a-morte em seu sentido próprio de existir, em sua ontologia, como uma possibilidade de aproximação da verdade e de toda a sua presença. Uma questão que deve ter relação e entrosamento com o próprio Ser-aí, o ser que está diariamente sendo lançado no mundo, buscando para si uma questão que já está dada, que é o ser-para-ofim, em sua totalidade, a morte como ponto final do Dasein, do Ser-aí, do ser-no-mundo, deixando o seu marco na temporalidade da história como o seu nascimento, seu desenvolvimento e sua morte, tornando-se presente na angústia daquilo que se procura. Para o

Heidegger, Martin. Ser e tempo, §
Heidegger, Martin. Ser e tempo, §

[33] [33] Casa Nova, Marco, Mundo e Historicidade: volume 2, p. 25.

[34] 50, p. 326.

[35] 51, p. 329.

Ser-aí a morte é provável, mas não incondicionalmente certa, um ato inegável fato da experiência de sua ontologia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao concluir este trabalho, descobrindo que o ser ou o Ser-aí, o Dasein, é e sempre questionável e que Heidegger traz em toda a sua obra o grande dilema sobre o Ser-aí, o existencialismo deste ser e sua ontologia fatia do ser lançado no mundo. A desconstrução e construção do ser retomado com suas peculiaridades envolvendo a angústia e a morto como seu fim último do ser que está lançado no mundo. Heidegger consiste na finitude do existir o serno-mundo. O ser que busca uma resposta para esta angústia gerada pela finitude de sua mortalidade em seu existir, no seu cotidiano esse conceito de morte.

Ao aprofundarmos na filosofia heideggeriana, percebemos que a angústia não é apenas um estado psicológico, mas uma revelação ontológica. Ela desvela a falta de fundamento último na existência do ser, confrontando-se o Ser-aí com o vazio e a possibilidade do nada. A angústia, então, torna-se um meio pelo qual o Ser-aí toma consciência de sua liberdade radical e responsabilidade autêntica.

Para Heidegger, o Ser-aí é um projeto inacabado, constantemente lançado em um mundo que ele mesmo coconstitui. A angústia surge quando o Ser-aí se defronta com sua própria finitude e a contingência do ser-no-mundo. Essa experiência não é apenas um desconforto passageiro, mas uma abertura para autenticidade, possibilitando ao Ser-aí romper com as trivialidades do cotidiano e confrontar sua existência de forma mais profunda.

Assim, a angústia gerada pela finitude do ser na perspectiva da mortalidade, longe de ser um mero desconforto, é um portal para a compreensão do Ser-aí como um ser-para-a-morte, sempre em processo de autorrevelação e construção de significado. Essa reflexão mais profunda sobre a angústia e o Ser-aí na filosofia heideggeriana convida-nos a nos aprofundar, cada vez mais, em seu dilema, que é o ser lançado no mundo, para o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER / Michael Inwood. Dicionário. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASANOVA, Marco António. **Mundo e História: Leitura Fenomenológica de Ser e Tempo: Volume 1: Existência e Mundaneidade**. Rio de janeiro, RJ: Via Verita, 2017.

CASANOVA, Marco António. **Mundo e História: Leitura Fenomenológica de Ser e Tempo: Volume 2: Existência e Mundaneidade**. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2020.

GIOCOIA JR, Oswaldo. **Heidegger Urgente: Introdução a um Novo Pensar**. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2013.